

PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA

Uma proposta de metodologia ativa
de Maria Alicia Romaña

ORGANIZADORAS

Maria Aparecida Fernandes Martin
Maisa Helena Altarugio

Alcione Ribeiro Dias
Camila Tyrrell Tavares
Cristiane Tavares Romano
Cristina Jorge Dias
Elisabeth L. Bez Chleba
Gisele da Silva Baraldi
Julio Cesar Valentim
Lúcio G. Ferracini
Maisa Helena Altarugio
Maria Aparecida Fernandes Martin
Marly Unello Rosinha
Neide Feijó
Norival Albergaria Cepeda
Sara de Sousa
Sônia da Cunha Urt



PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA
Uma proposta de metodologia ativa de Maria Alicia Romãa
Copyright © 2022 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Capa: **Alberto Mateus**

Foto da capa: **Valdir Peyceré**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	7
<i>Heralde Oliveira Silva</i>	
Apresentação	11
<i>Maisa Helena Altarugio e Maria Aparecida Fernandes Martin</i>	
1. Breve olhar sobre os encontros de Moreno com a educação	15
<i>Maria Aparecida Fernandes Martin</i>	
2. Maria Alicia Romaña e a pedagogia psicodramática.	19
<i>Maria Aparecida Fernandes Martin</i>	
3. A pedagogia psicodramática e as metodologias ativas	35
<i>Maisa Helena Altarugio</i>	
4. O psicodrama pedagógico revelando o papel social e psicodramático do professor	41
<i>Maisa Helena Altarugio e Maria Aparecida Fernandes Martin</i>	
5. Método educacional psicodramático – Um passo a passo cuidadoso para o protagonismo do educando	51
<i>Camila Tyrrell Tavares</i>	
6. Pedagogia psicodramática – O método educacional psicodramático como modalidade de ensino	61
<i>Julio Cesar Valentim</i>	
7. Vale uma maçã?	79
<i>Elisabeth L. Bez Chleba</i>	
8. Pedagogia psicodramática como metodologia ativa na formação de pedagogos	93
<i>Cristina Jorge Dias</i>	

9. Jogos nas aulas <i>online</i> – Conectando os temas e o grupo	109
<i>Norival Albergaria Cepeda</i>	
10. “Conceitos em ação” – O uso do jogo dramático na formação de psicodramatistas	123
<i>Gisele da Silva Baraldi</i>	
11. <i>Role-playing</i> – Ensino-aprendizagem além das conservas culturais	143
<i>Cristiane Tavares Romano</i>	
12. O sociodrama como facilitador do desenvolvimento do papel profissional	155
<i>Neide Feijó, Lúcio G. Ferracini e Sara de Sousa</i>	
13. Pedagogia psicodramática – Uma experiência com pesquisa em educação	171
<i>Alcione Ribeiro Dias e Sônia da Cunha Urt</i>	
14. A neurociência e o aprendizado com psicodrama	185
<i>Marly Unello Rosinha</i>	

PREFÁCIO

O telefone toca e recebo de Maria Aparecida Fernandes Martin, uma das autoras e organizadora deste livro, o convite para escrever o prefácio desta obra tão necessária aos futuros e aos já titulados diretores, egos auxiliares, professores, terapeutas de alunos, supervisores, orientadores, socionomistas e psicodramatistas das nossas federadas.

Sinto-me muito honrada e feliz por poder expressar meus sentimentos por Jacob Levy Moreno, Maria Alicia Romaña e pela Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS), a entidade mais moreniana que conheço.

Como sempre me dediquei a também ensinar e aprender, recebi este livro como um relicário: além de ser esclarecedor, ele mostra os caminhos para compreender o projeto sacionômico de Moreno, cujo foco são as relações humanas, e a força de seu método – o psicodrama.

Desde minha primeira formação profissional, como professora normalista, assumi meu papel de educadora, semente que germinou, cresceu e floresceu, brotando em tudo que até hoje fiz e faço. Nesse sentido, este livro fala daquilo que gosto de fazer e ensinar.

Apaixonei-me por Moreno conhecendo sua história de vida, suas obras e seus feitos, reconhecendo esse genial e grande mestre, sábio, poeta, guerreiro, religioso, humanista, vaidoso, sedutor, educador, rebelde, pesquisador, contrário às conservas culturais discriminatórias e negativas, amante das artes espontâneas criativas, curador de almas.

Comecei a conhecer mais profundamente Moreno por meio da inesquecível mestra Maria Alicia Romaña, da qual tive o privilégio de ser aluna, supervisionanda e amiga. Foi ela quem me ensinou a ter a consistência adequada em cada um dos meus papéis. Nosso vínculo foi se tornando cada vez mais forte à medida que nos visitávamos tomando chá com biscoitos, nos ajudávamos e trocávamos confidências.

Meu respeito por ela nunca foi abalado, assim como minha admiração por seu saber e suas convicções. Esses sentimentos se ampliaram ainda mais quando eu soube que, sem perder seu papel de pedagoga, ela fez formação em psicodrama no

foco psicoterápico e adaptou esse método para ser usado em sala de aula, motivando e facilitando a aprendizagem.

Sua competência permitiu que seu trabalho se expandisse no contexto social de tal maneira que ele pode ser usado em treinamentos, avaliações de desempenho, pesquisas e para facilitar integrações e orientar escolhas profissionais, sempre focalizando conteúdos psicossociais.

Com Alicia também aprendi que, para Moreno, o foco principal do método psicodramático são as dramatizações de papéis sem roteiro prévio, sem ensaio, com papéis assumidos no “aqui e agora” e desempenhados como se fossem reais. Moreno era revolucionário e lutava contra normas e valores que excluía os menos favorecidos das artes e do convívio social com os mais abastados. Criou a “filosofia do encontro” tendo como matriz suas preocupações com os seres humanos que nada possuíam. Fundou, com amigos, a Casa do Encontro, onde os desvalidos recebiam abrigo, orientações e afeto. Foi o primeiro a escrever sobre relações e interações que favorecem os encontros relacionais, sempre baseados em tudo que é indeterminado.

Não sem razão, quando morou no Brasil, Maria Alicia escolheu filiar-se à Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama. Trata-se de uma entidade muito especial, acolhedora, que respeita, propaga e amplia a obra moreniana, na teoria e na prática, em pesquisas e atendimentos psicoterápicos e psicossociais. Essa atuação está registrada e comprovada em cada página deste livro, que revela os saberes e fazeres de seus autores e autoras.

Muitos deles – e também as funcionárias dessa entidade, pelas quais tenho grande afeto – sempre me recebem com grande consideração e carinho, revelando o que os vínculos verdadeiros são capazes de ofertar. Orgulho-me muito do que fazem e do que são. Aliás, os capítulos dos que fizeram formação com os didatas revelam que formaram psicodramatistas de verdade, confirmando o mérito de suas titulações.

Com muito respeito, em nome de Maria Alicia Romaña e em meu nome, parabeno a todos os que fazem parte da ABPS, sobretudo os que criaram esta obra preciosa. Ao desvelarem o que devemos carregar na alma para ensinar psicodrama e nos ensinarem a utilizar esse método adequadamente em qualquer área de relações humanas, eles se mostram fiéis seguidores dessa mestra, esclarecendo diversos entendimentos confusos, como os limites corretos dos trabalhos psicoterápicos, terapêuticos e socioeducacionais.

Tenho certeza de que Moreno, esteja onde estiver, está aplaudindo o lançamento deste livro, que organiza a ciência da aprendizagem – a pedagogia — com relatos de trabalhos psicodramáticos realizados com competência e resultados extremamente positivos.

Agradeço pelo convite e louvo a ABPS pelo que faz, pelo que é, pelos associados que tem e pela oportunidade de abrir meu coração com amor e emoção.

Carinhosamente,

HERIALDE OLIVEIRA SILVA
Educatória, psicóloga e psicodramatista

APRESENTAÇÃO

2022 será especial para os psicodramatistas iluminados pelo legado deixado por Maria Alicia Romaña, pois é o ano de nos lembrarmos de todas as suas contribuições pessoais e profissionais e de agradecermos por elas. Mesmo uma década após sua morte, Maria Alicia permanece viva por meio de suas obras e realizações. E o livro que apresentamos agora é uma demonstração do nosso orgulho e do privilégio de recordar essa data.

Foi em 2009 que Maria Alicia Romaña escreveu o último livro, *Pedagogia psicodramática e educação consciente*, com o qual concluiu sua jornada na criação de uma proposta educacional para o psicodrama. Desde sua primeira empreitada até os inúmeros artigos e trabalhos na formação de alunos e educadores desenvolvidos com base no arcabouço teórico e prático que ela construiu, os colegas psicodramatistas têm replicado sua pedagogia e seu método em contextos socioeducacionais de trabalho, estudo e pesquisa.

Contudo, poucos desses colegas investiram em relatar e publicar suas experiências na forma de livros ou artigos, seja por falta de interesse, seja pela pouca familiaridade com a escrita. Sabemos, porém, da importância para o leitor e a leitora, psicodramatista ou não, de aumentar e inovar seu repertório teórico e prático sobre os métodos que aplica em seu contexto profissional.

É nesse cenário que entendemos a relevância deste livro, um modo – embora conservado – de divulgar e enaltecer o nome de Maria Alicia Romaña por meio dos escritos de colegas psicodramatistas que acreditam na pedagogia psicodramática e a valorizam, seja na formação de psicodramatistas, seja no trabalho de base realizado nas organizações ou nas instituições de educação básica ou superior.

A obra está dividida em três etapas, acompanhando as etapas do psicodrama, como J. L. Moreno propôs:

Etapa I – Aquecimento: três capítulos resgatam aspectos históricos e conceituais do psicodrama e da pedagogia psicodramática que embasam os relatos aqui presentes e que julgamos importantes para ampliar o conhecimento dos nossos leitores e leitoras.

Capítulo 1. Breve olhar sobre os encontros de Moreno com a educação (Maria Aparecida Fernandes Martin). Como o próprio título indica, nesse capítulo o leitor terá um breve contato com Moreno em momentos específicos, nos quais ele se dedicou à educação e à aprendizagem. Trata-se de um aquecimento para a proposta do livro.

Capítulo 2. Maria Alicia Romaña e a pedagogia psicodramática (Maria Aparecida Fernandes Martin). Seguindo no processo de aquecimento, a autora apresenta aspectos da vida e obra de Maria Alicia Romaña. É um texto que mostra muitos saberes e fazeres deixados pela criadora da pedagogia psicodramática, permeado pela afetividade que envolvia seu trabalho e suas relações.

Capítulo 3. A pedagogia psicodramática e as metodologias ativas (Maisa Helena Altarugio). Baseando-se em Maria Alicia, L. Vigotski e Paulo Freire, a autora destaca os elementos que considera essenciais para que a pedagogia psicodramática seja uma metodologia ativa promissora de ensino e aprendizagem.

Etapa II – Dramatização: onze capítulos relatam e analisam experiências realizadas por autores que, como diretores, de alguma forma deixaram marcas *reais, simbólicas e imaginárias* no público que as vivenciou. São textos ricos em criatividade e espontaneidade, que revelam no “aqui e agora” uma grande variedade de situações e contextos de formação, ensino e aprendizagem.

Capítulo 4. O psicodrama pedagógico revelando o papel social e psicodramático do professor (Maisa Helena Altarugio e Maria Aparecida Fernandes Martin). As autoras apresentam uma experiência inserida no psicodrama pedagógico, motivadas pela necessidade de problematizar o papel do professor em serviço e em formação diante das ações conservadas em situações cotidianas do contexto escolar.

Capítulo 5. Método educacional psicodramático – Um passo a passo cuidadoso para o protagonismo do educando (Camila Tyrrell Tavares). A autora descreve o planejamento, o desenvolvimento e a realização de uma aula *online* utilizando o método educacional psicodramático. Apresenta o papel do educador como mediador de cada etapa do processo e a importância da interação, da afetividade e da ação espontânea para a aprendizagem.

Capítulo 6. Pedagogia psicodramática – O método educacional psicodramático como modalidade de ensino (Julio Cesar Valentim). O autor relata sua experiência como docente em uma aula de Psicopatologia Psicodramática utilizando o método educacional psicodramático na formação de psicodramatistas. Inclui também o jogo dramático como instrumento em uma das etapas da aula, compartilhando com o leitor todo o processo de elaboração, planejamento, realização e resultados.

Capítulo 7. Vale uma maçã? (Elisabeth L. Bez Chleba). A autora faz uma reflexão inspirada ao descrever três experiências desafiadoras com grupos de jovens. Com base no método educacional psicodramático e em jogos dramáticos, questiona o papel do professor e seu próprio papel de diretora na condução de grupos a caminho de uma consciência crítica.

Capítulo 8. Pedagogia psicodramática como metodologia ativa na formação de pedagogos (Cristina Jorge Dias). Nesse capítulo, a autora descreve sua pesquisa com um grupo de alunos de Pedagogia e suas angústias ao finalizar o curso em plena pandemia. Recorrendo aos jogos dramáticos como composição psicodramática e tendo o objeto intermediário como instrumento, revela as contribuições de uma metodologia ativa para criar espaços de encontro coletivo, espontaneidade e afetividade no contexto do ensino e da aprendizagem.

Capítulo 9. Jogos nas aulas *online* – Conectando os temas e o grupo (Norival Albergaria Cepeda). O capítulo apresenta toda a experiência adquirida pelo autor, ao longo de sua trajetória como psicodramatista, com os jogos dramáticos, por meio dos quais mostra como conectar os temas trabalhados e o grupo participante. É com muita alegria (como ele mesmo diz) que Norival amplia seu aprendizado na modalidade *online*, obtido no período da pandemia.

Capítulo 10. “Conceitos em ação” – O uso do jogo dramático na formação de psicodramatistas (Gisele da Silva Baraldi). A autora compartilha brevemente sua experiência como docente e faz reflexões sobre esse seu papel. Apresenta o desenvolvimento e a realização de uma disciplina com o objetivo de integrar uma diversidade de conceitos aprendidos em uma formação por meio de um jogo dramático. Seu objetivo é que os educandos consigam construir de maneira complexa as possibilidades de utilização do referencial estudado em sua prática profissional.

Capítulo 11. *Role-playing* – Ensino-aprendizagem além das conservas culturais (Cristiane Tavares Romano). Com base em suas experiências pessoais, a autora sensibiliza o leitor e destaca a relevância e o alcance de métodos de ação que visem à espontaneidade no processo de ensino e aprendizagem. Apresenta o *role-playing* como proposta pedagógica e o diferencia do *role-training* ao discorrer sobre as práticas vivenciadas.

Capítulo 12. O sociodrama como facilitador do desenvolvimento do papel profissional (Neide Feijó, Lúcio Ferracini e Sara de Sousa). Nesse capítulo, os autores fazem um mergulho na teoria de papéis e trazem experiências sociodramáticas realizadas no Brasil e em Portugal que contribuíram para a formação de enfermeiros, psicólogos e terapeutas ocupacionais.

Capítulo 13. Pedagogia psicodramática – Uma experiência com pesquisa em educação (Alcione Ribeiro Dias e Sônia da Cunha Urt). As auto-

ras descrevem o encontro bastante original entre o aporte da pedagogia psicodramática e a metodologia de pesquisa para investigar um fenômeno educacional: o adoecimento docente no ensino superior.

Capítulo 14. A neurociência e o aprendizado com psicodrama (Marly Unello Rosinha). Capítulo que aproxima os saberes atuais sobre a aprendizagem da ótica do conhecimento a respeito do sistema nervoso e a metodologia psicodramática proposta por Maria Alicia Romaña. Nessa linha, a autora compartilha análises de sua prática em salas de aula do ensino superior.

Etapa III – Compartilhamento: nessa última etapa, como sugeriu Maria Alicia em nome da construção coletiva do conhecimento, convidamos nossos leitores e leitoras a escreverem um capítulo único, dividindo conosco experiências, impressões, sentimentos e comentários sobre este livro.

Desejamos aos psicodramatistas experientes, novatos ou futuros uma leitura ativa e estimulante, como foi este trabalho para nós, organizadoras desta obra.

MAISA HELENA ALTARUGIO
MARIA APARECIDA FERNANDES MARTIN

1. BREVE OLHAR SOBRE OS ENCONTROS DE MORENO COM A EDUCAÇÃO

Maria Aparecida Fernandes Martin

É pertinente iniciarmos falando sobre o exercício do papel de professor desempenhado por J. L. Moreno. Muito jovem ainda, ele deu aulas particulares para obter seu sustento quando, em torno de 1906, sua família deixou Viena. Constan na biografia de Moreno histórias sobre suas habilidades como professor, e vale resgatar o caso de Elisabeth Bergner, cujos depoimentos confirmam que ele era “muito aberto e tolerante. Apelava para a criatividade, imaginação e espontaneidade do aluno. O processo de aprendizagem tinha que ser para ele uma experiência global e altamente motivadora” (Marineau, 1992, p. 49).

Certamente Moreno fazia sucesso com alguns estudantes e não com outros, mas a experiência positiva com Bergner se repetiu com vários alunos e faz parte do início de suas práticas com crianças, como relata Marineau (1992).

Moreno costumava frequentar Augarten, um parque público de Viena, e em seus passeios se encontrava com crianças, com quem brincava e para quem contava histórias. Atraía os pequenos como se fosse um personagem saído diretamente dos contos de fadas.

De acordo com Marineau (1992), nessa época já se apresentavam as bases do que viria a ser sua filosofia. Moreno trazia à tona a imaginação e criatividade das crianças, e nas brincadeiras utilizava jogos que estimulavam a espontaneidade. Tempos depois, criaria o teatro para crianças, no qual elas inventavam e improvisavam até mesmo peças clássicas.

Essas atividades tiveram um fim repentino, primeiro em função da insatisfação de pais e professores – preocupados com as intenções daquele homem que influenciava tão intensamente as crianças a ponto de estas questionarem as aulas e preferirem ir à praça a fazer as tarefas escolares – e também por causa da Primeira Guerra Mundial. No entanto, depois dessa vivência, Moreno carregou para sua vida o modelo de espontaneidade e criatividade.

Com base nos escritos de Marineau (1992), destacamos outros pontos de grande relevância para a temática em foco neste capítulo, observando quanto Moreno valoriza a pessoa, a ação e a experimentação. É o que vemos em um trecho de seu poema “Convite a um encontro”:

[...]

Mais importante do que a procriação é a criança.

Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criado.

Em lugar dos passos imperiais, o imperador.

Em lugar dos passos criativos, o criador...

Em vários momentos Moreno enfatiza a importância da ação e da experimentação sobre as palavras. Ele acreditava “que uma pessoa podia mudar através do que chamava *insight* da ação, um processo de experimentação e reexperimentação do comportamento com a subsequente reflexão sobre ele” (Marineau, 1992, p. 85).

É preciso enfatizar um aspecto da obra moreniana que foi caro ao desenvolvimento da pedagogia psicodramática, tornando-se um dos pilares das propostas de Maria Alicia Romaña. Sua experiência como professor particular pode ter sido o embrião para o desenvolvimento da ideia da espontaneidade e da criatividade, abrindo o palco para sua expressão, um novo teatro – o teatro da espontaneidade. Nesse palco vislumbrava-se um espaço para testar e mensurar a espontaneidade em um ambiente profícuo. De acordo com Moreno (1975; 1984), o quociente de espontaneidade não está relacionado com o quociente de inteligência. Além disso, a espontaneidade, como função cerebral, tem um desenvolvimento mais rudimentar do que outras funções do sistema nervoso central, o que, segundo ele, explica a dificuldade humana para lidar com situações-surpresa.

Atividades inesperadas evidenciam que o cérebro humano “normal” se mostra bastante despreparado para acontecimentos repentinos, levando a respostas falsas ou até mesmo à ausência de respostas. No entanto, pessoas estressadas, entediadas ou esgotadas revelam-se ainda mais inadequadas. Indivíduos em situações de alta organização cultural e tecnológica demonstram rigidez de pensamento e de atitudes. Para Moreno (1984), é necessário que os seres humanos vivenciem um treinamento específico para alcançar estados e ideias de espontaneidade.

Muitos foram os estudos, apontamentos e contribuições de Moreno com relação à temática da espontaneidade e criatividade e suas implicações para o desenvolvimento do ser humano e de sua saúde mental.

A raiz da palavra “espontaneidade” vem do latim *sponte*, que significa *livre e espontânea vontade*. Moreno (1992) considera que espontaneidade e criatividade estão sempre vinculadas, embora sejam diferentes – a espontaneidade sem criatividade levaria o indivíduo a ações sem sentido, e a criatividade sem espontaneidade estaria desenergizada.

Definimos como espontaneidade a resposta do indivíduo a uma situação nova ou uma nova resposta a uma situação antiga (Moreno, 1975).